

A expansão das pesquisas com a perspectiva processual

Resenha do livro *Arquivos de criação: arte e curadoria*.
Vinhedo: Ed. Horizonte,
2010, de Cecília Almeida Salles.

por Laís Guinaldo
Pontifícia Universidade de São Paulo

O ÚLTIMO LIVRO lançado por Cecília Almeida Salles, *Arquivos de criação: arte e curadoria*, apresenta novas reflexões sobre processos de criação, com uma abordagem que se distingue dos livros anteriores. A proposta é a exposição de casos de processos criativos em diferentes áreas e a análise das suas singularidades. Se nos livros anteriores a análise de casos fundamentou conceitos gerais sobre processo criativos, nessa obra esses operadores são colocados em ação, em busca das singularidades poéticas de cada caso.

São analisadas experiências como as dos diários de Paul Klee, os cadernos/livros de Daniel Senise, as diferentes edições de Eça de Queirós, o atelier de Tomie Ohtake, o acompanhamento de ensaios da Cia 2 do Balé da Cidade, o material extra de DVDs de filmes.

Comentário

Nesses casos, temos a oportunidade de compreender com mais exatidão a proposta da autora, de expansão da abrangência de documentação para os estudos de processos criativos e também de expansão das perspectivas em torno da produção de conhecimento a respeito desses processos. É colocada em evidência a abordagem da criação como processo e a compreensão desse movimento que, nas palavras de Salles, são falíveis, com idas e vindas, mas com tendência. No lugar de analisar a gênese de uma obra considerada acabada e perfeita, a proposta é enfatizar a mobilidade das buscas e a sutil manifestação das tendências dos processos, considerando, portanto, qualquer obra ou documento relacionado ao trabalho criativo como índices dessa tendência.

A passagem da mera descrição para a interpretação é uma dificuldade para grande parte dos pesquisadores que lidam com análise de casos. Como garantimos esse salto da descrição para a interpretação? Salles mostra a maneira como a análise relacional entre os mais diferentes documentos propiciaram interpretações a respeito do processo de criação. O que mais uma vez chama a atenção, é a sua capacidade sempre renovada de oferecer diretrizes e parâmetros metodológicos claros para pesquisadores de processo de criação, sejam eles acadêmicos ou artistas.

Ao longo da leitura dos casos analisados, Salles coloca em evidência o seu próprio processo de reflexão a partir da prática de pesquisas, orientações e curadorias, resultando na sistematização das teorias da criação. Temos a oportunidade de acompanhar como algumas diretrizes teóricas ganharam consistência a partir da análise de documentos de processo de diferentes

artistas, e como foram estabelecidas relações entre esses encontros, evidenciando os aspectos metodológicos.

Nas obras anteriores, além da apresentação do histórico da crítica genética e das expansões das linhas de pesquisas relacionadas ao tema dos processos criativos¹ buscou-se também uma teorização de natureza mais geral sobre a criação. No livro *Gesto Inacabado*, os diferentes casos específicos geraram propostas de conceitos auxiliares à reflexão sobre processos, uma vez que o que se buscava eram termos comuns a muitos artistas. Encontramos propostas de definições de termos como documentos de processo, projeto poético, e abordagens do processo de criação – proposto como movimento falível, com idas e vindas, aberto ao acaso, mas com tendência. O livro *Redes da Criação* aprofundou a abordagem de observação desses fenômenos complexos a partir da ênfase na necessidade de se posicionar numa perspectiva não centralizada no sujeito criativo, mas na rede de conexões em torno da ação criadora. O aspecto relacional e a mobilidade dos processos e da própria noção de arte da contemporaneidade ganharam destaque.

A proposta de tratar o processo criativo como rede em construção enfatiza a não linearidade dos percursos e a necessidade metodológica de análises relacionais entre diferentes documentos. A obra entregue ao público é enfocada como “uma possibilidade de um processo”².

1. SALLES, C. A. *Crítica Genética, uma (nova) introdução*. São Paulo: Educ, 2000.
2. Idem. *Redes da criação: construção da obra de arte*. Vinhedo: Ed.Horizonte, 2006, p. 11.

No livro *Arquivos da Criação: crítica e curadoria*, os casos são analisados com essa proposta de perspectiva em rede. Daí a pertinência do projeto gráfico do livro, que coloca em evidência a relação entre os casos e os conceitos que dali emergem ou são acionados, em estruturas que remetem à ideia de *links*, quer através de um signo gráfico que propõe conexões com outras passagens do livro, quer através da exposição de termos ao lado da análise. Fica evidente, com essa proposta editorial, a ênfase no aspecto não linear do processo criativo, e o desafio do pesquisador na identificação e interpretação de possíveis nós nessa rede de relações.

Ao longo da leitura, acompanhamos a maturação das terminologias e propostas de abordagem do fenômeno criativo. Para os pesquisadores, são oferecidos termos precisos para auxiliá-los na tarefa de analisar processos. Para os artistas, esses mesmos termos são motivo de reconhecimento de circunstâncias vivenciadas, mas pouco exploradas teoricamente. Expressões como “Percepção Artística”, “Espaços da Criação”, “Redes culturais”, “Interconexões” apresentam-se como *links*, o que contextualiza o leitor não familiarizado com a crítica de processo e impressiona os já familiarizados pela maturidade e precisão das definições propostas.

Um exemplo disso é a síntese da definição de criação como rede:

processo contínuo de interconexões instáveis, gerando nós de interação, cuja variabilidade obedece a alguns princípios direcionadores. Essas interconexões envolvem a relação do artista com seu espaço e seu tempo, questões relativas à memória, à percepção, recursos criativos, assim como diferentes modos em que se organizam as tramas

do pensamento em criação. O artista deixa rastros desse percurso nos diferentes documentos do processo criativo.³

Uma contribuição particularmente valiosa desse livro é a proposta de expansão da documentação passível de oferecer informações sobre processos de criação, observando que cada tipo de documento terá um potencial de informação sobre o processo. Colocam-se, então, algumas questões: O potencial da documentação está sendo aproveitado? Oferece uma leitura crítica do processo? Qual é a natureza desses documentos? Propõe-se a atenção a documentações expandidas, como cadernos de artistas, entrevistas, *making offs*, *storyboards*, roteiros, diferentes edições de um mesmo livro. São documentações que têm potencial para sair do âmbito da curiosidade e entrar no campo da produção de conhecimento sobre processo de criação, na medida em que as informações são inter-relacionadas. Salles enfatiza a necessidade de o pesquisador relacionar suas hipóteses com a mais ampla documentação, e praticar um olhar interpretativo relacional. Para a autora, tomar rascunhos como única possibilidade de se fazer um estudo sobre o processo de criação é não levar em conta a complexidade desses percursos. “Quanto mais material o crítico de processo tem em mãos, mais relações podem ser estabelecidas e, assim, é possível se aproximar mais das singularidades do artista estudado”.⁴

Mesmo quando a documentação tem finalidade promocional, como no caso do material extra dos DVDs

3. Idem. *Arquivos da criação: arte e curadoria*. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2010, p. 215.

4. Ibidem, p. 121.

de filmes, possibilita acesso a informações sobre a produção cinematográfica a partir de diferentes profissionais da equipe. Essa perspectiva ativa a dimensão coletiva da rede, pois fornece índices relacionados aos diferentes agentes do processo. Os comentários posteriores ao filme são indicadores das buscas, que não cessam. Podemos avaliar ali a recorrências de discursos nos comentários, justificativas técnicas para uso de luz, câmeras, cores, músicas, sons, tentativas de diálogo com a crítica, que ressignificam o filme.

Ainda outros desafios e questões são colocados. Como mostrar o processo de criação, numa exposição, sem cristalizar os movimentos? Como mostrar para o público essas obras que estão em permanente estado provisório? O relato de experiências curatoriais propõe algumas reflexões a esse respeito.

Como um evento pode ser organizado de forma a promover reflexões teóricas sobre o processo de criação e não a espetacularização? Como evitar o risco de reforçar o culto aos documentos, sem gerar novos conhecimentos sobre o processo de criação? É relatada uma experiência de acompanhamento de processo, como integrante do grupo, da Cia 2 do Balé da Cidade, e a análise das tendências das decisões tomadas pelo grupo.

A questão metodológica que norteia as pesquisas é a observação dos documentos sem buscar neles a ilustração para teorias pré-estabelecidas. É proposto o estabelecimento de relações e o levantamento de hipóteses. Quando levadas adiante, essas hipóteses oferecem conhecimento sobre o modo como se desenvolve o processo criativo. A complexidade das buscas, expressa na

complexidade da rede em questão, coloca em evidência dimensões intelectuais, subjetivas, coletivas e sociais da prática artística.

Ao final da leitura do livro, sentimos fortalecida e fundamentada a proposta de que a crítica de processo deve colocar-se a serviço de questões que vêm sendo propostas pela contemporaneidade, e estar atenta à disponibilidade dos novos objetos de pesquisa oferecidos. “Sem nostalgia, apenas disponibilidade e postura permeável à expansão”.

Vislumbra-se, dessa maneira, uma perspectiva teórica que tem como propósito a compreensão dos objetos artísticos como rede complexa de interações, sempre em estado potencial de transformação, e a ampliação da pesquisa sobre processos de criação para além do ambiente acadêmico.

REFERÊNCIAS

- SALLES, Cecília A. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Annablume, 1998.
- _____. *Crítica genética: uma (nova) introdução*. São Paulo: Educ, 2000.
- _____. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. CD Rom. Lei de Incentivo à Cultura do Estado de São Paulo, 2000.
- _____. *Redes da criação: construção da obra de arte*. Valinhos: Editora Horizonte, 2006.
- _____. *Arquivos da criação: arte e curadoria*. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2010.